

Luiz Eduardo Paulino da Silva

PENSAMENTOS FLUÍDOS:

Refletir, Interrogar e Aceder



2021

Luiz Eduardo Paulino da Silva

PENSAMENTOS FLUÍDOS:

Refletir, Interrogar e Aceder



2021

2021 by Editora e-Publicar
Copyright © Editora e-Publicar
Copyright do Texto © 2021 O autor
Copyright da Edição © 2021 Editora e-Publicar
Direitos para esta edição cedidos à Editora e-Publicar pelo autor.

Editora Chefe

Patrícia Gonçalves de Freitas

Editor

Roger Goulart Mello

Diagramação

Roger Goulart Mello

Dandara Goulart Mello

Projeto gráfico e Edição de Arte

Patrícia Gonçalves de Freitas

Revisão

O autor

Todo o conteúdo do livro, dados, informações e correções são de responsabilidade exclusiva dos autores. O download e compartilhamento da obra são permitidos desde que os créditos sejam devidamente atribuídos aos autores. É vedada a realização de alterações na obra, assim como sua utilização para fins comerciais.

A Editora e-Publicar não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Alessandra Dale Giacomini Terra – Universidade Federal Fluminense

Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Andrelize Schabo Ferreira de Assis – Universidade Federal de Rondônia

Bianca Gabriely Ferreira Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Cristiana Barcelos da Silva – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Cristiane Elisa Ribas Batista – Universidade Federal de Santa Catarina

Daniel Ordane da Costa Vale – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Danyelle Andrade Mota – Universidade Tiradentes

Dayanne Tomaz Casimiro da Silva - Universidade Federal de Pernambuco

Diogo Luiz Lima Augusto – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Elis Regina Barbosa Angelo – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Ernane Rosa Martins - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás



2021

Fábio Pereira Cerdera – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Francisco Oricelio da Silva Brindeiro – Universidade Estadual do Ceará
Glaucio Martins da Silva Bandeira – Universidade Federal Fluminense
Helio Fernando Lobo Nogueira da Gama - Universidade Estadual De Santa Cruz
Inaldo Kley do Nascimento Moraes – Universidade CEUMA
João Paulo Hergesel - Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Jose Henrique de Lacerda Furtado – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Jordany Gomes da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Jucilene Oliveira de Sousa – Universidade Estadual de Campinas
Luana Lima Guimarães – Universidade Federal do Ceará
Luma Mirely de Souza Brandão – Universidade Tiradentes
Mateus Dias Antunes – Universidade de São Paulo
Milson dos Santos Barbosa – Universidade Tiradentes
Naiola Paiva de Miranda - Universidade Federal do Ceará
Rafael Leal da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Rita Rodrigues de Souza - Universidade Estadual Paulista
Willian Douglas Guilherme - Universidade Federal do Tocantins

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

S586p Silva, Luiz Eduardo Paulino da.
Pensamentos fluídos [livro eletrônico] : refletir, interrogar e
aceder / Luiz Eduardo Paulino da Silva. – Rio de Janeiro, RJ: e-
Publicar, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-89950-70-7
DOI 10.47402/ed.ep.b20218880707

1. Filosofia. 2. Reflexões. 3. Diálogos. I. Título.

CDD 100

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Editora e-Publicar

Rio de Janeiro – RJ – Brasil
contato@editorapublicar.com.br
www.editorapublicar.com.br



2021

Sumário

Apresentação.....	6
Prefácio.....	7
O ato de questionar.....	10
Historicizar para quem?.....	17
Teoria sem prática – discurso vazio.....	19
Qualquer um pode opinar?	22
Colchas de Retalhos	25
Conversas que não levam a lugar algum.....	26
A diplomacia	28
Ser íntegro ou hipócrita! Eis a questão	30
Uma colisão	32
Embravece-te?.....	34
Ser ético	37
O ser humano	39
A Falência da família	41
Uma minuta da História Oral.....	44
Tempos da Telpa.....	45
O uso do celular na escola	48
Sem rótulos, é preciso refletir.....	50
As relações familiares	52
Reflexão do idoso.....	57
Sobre o autor	61

Apresentação

Somos dotados de pensamentos, e a partir deles, podemos trazer os que nos fazem refletir significativamente as nossas coexistências.

Pensamentos fluídos surge a partir de um momento reflexivo que me induziu a opinar a partir das minhas leituras e experiências.

Pensamentos fluidos também surge de reflexões críticas a partir de textos curtos, mas, instigando ao leitor uma reflexão a partir de outras, interrogando, ou concordando com um olhar diplomático.

Este livro apresenta indagações e posicionamentos enveredados por mim, espargindo de questionamentos, reflexões e discussões.

Os escritos são textos que geram questões para se interrogar, compilações de temáticas atuais, os pensamentos que anseio partilhar e episódios que vivenciei, e fizeram parte do atual mundo acadêmico, atribuindo diálogos com alguns interlocutores.

Este livro não é daqueles que abordam uma única leitura, mas, sobre textos esclarecedores com o objetivo de não haver embate de discordância, mas, para que haja reflexões, pensamentos enaltecidos, e surjam outros posicionamentos além dos que reflito.

São textos curtos, porém, levam o leitor a refletir, questionar, discordar ou concordar, pois o meu maior interesse destes escritos era que ele chegasse onde não se tem acesso à leitura, na qual as pessoas têm vontade de ter voz e vez e apesar disso não se veem incluídas.

Luiz Eduardo Paulino da Silva

Prefácio

Pedagogia da ousadia e a desobediência acadêmica

Rio de Janeiro, 22 de setembro de 2021.

Estimado Eduardo,

Em meio as incertezas e a convulsão social, a insanidade do trabalho remoto, de um isolamento físico em virtude da pandemia mundial de *Sars-CoV-2* e suas variantes, bem como dos desafios aos que fazem ciência no Brasil, recebo uma mensagem sua requisitando a leitura, apreciação e contribuição, prefaciando o livro *Pensamentos Fluídos: refletir, interrogar e aceder*.

Apesar da honra em subsidiar a obra do professor, escritor, pesquisador e visionário Eduardo Paulino e do grande do prazer em ser um dos primeiros leitores, confesso que devido aos atropelos do cotidiano e a urgência do retorno, pensei em declinar ao convite.

No entanto, já nas primeiras páginas do livro, é refeito um caminho ousado e de confronto ao medo que encanta, instiga e rompe o paradigma da aceitação didático acadêmica. Freire nos ensina que é normal sentir medo e mesmo que ele seja paralisante, também é uma manifestação que estamos vivos; nesse texto, você coloca o medo como coadjuvante, sem permitir que ele seja injustificado/imobilizador.

Toda essa insurgência talhada em letras e vida possibilitada ao leitor o contato com um material arrojado, questionador e forte, o texto traz consigo a ousadia de conhecer e afirmar o medo, bem como de racionalizá-lo reconhecendo que “*o medo vem de seu sonho político, e negar o medo é negar o sonho*” (SHOR&FREIRE, 1986, p. 39)¹ que também é uma característica de uma educação libertadora.

Eduardo Paulino, a partir de suas colocações nesse documento, ousou afirmar, que um novo desafio paira epistemologicamente: a pedagogia da ousadia, nela você semeia pertencimento, criatividade, inovação e desobediência acadêmica. Não se trata de um manual, ou um livro de receitas prontas, mas de um processo de atrevimento, amadurecimento e crescimento coletivo.

¹ SHOR, I.; FREIRE, P. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. Trad.: Adriana Lopes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

Recomendo esse livro a quem deseja aprender sobre, refletir e pular os muros da recomendação!

Atenciosamente,

Rômulo Tonyathy da Silva Mangueira²

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPCTE) do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ).

O ato de questionar

Sempre almejei historiar acontecimentos, trajetórias, crônicas, testemunhos e reminiscências que pudessem conceber uma reflexão crítica ou acrítica ao leitor sem que ele seja induzido a raciocinar igual a mim.

Era apenas um sonho, um desejo que talvez ficasse para os natos intelectuais ou aqueles autores renomados que estão inseridos academicamente.

Nesta perspectiva, discorri que precisaria escrever sobre temáticas que despertem curiosidade ao leitor, que se afaguem na leitura, já que existem amontoados de livros que não despertam o interesse das diversas camadas da sociedade.

Permanecendo apenas mais um escrito para intelectuais, em uma biblioteca, livraria e até mesmo nas instituições sem chegar de fato em outros ambientes que produzem conhecimento.

Partindo destes princípios compreendi que não precisa ser um autor reconhecido para escrever ideias, expor teorias, contestar reflexões e apontar questionamentos a partir do que você almeja compor.

Precisei deleitar-me em alguns escritos, sobre memórias, questionamentos, reflexões do cotidiano, incentivando aos que tiverem contato com a obra não concordar por concordar, mas, refletir, questionar, apontar, e proferir seu ponto de vista sobre a situação contingente.

Percebo que qualquer um pode escrever, ser autor de sua própria história, influenciar outros a fazer o mesmo.

Ler um livro é refletir cada instante, vivenciando o que diz a seguinte frase, “a ideia da educação é pensar por si só”, e não se apontar dezenas de teorias, como se a decoreba não fosse um método tradicional que é a todo momento questionado por vários especialistas.

A partir destes argumentos abstratos, comecei a questionar: como é que um autor se torna célebre? Vou exemplificar com um nome fictício: *Grampeador*, se tornou um grande pensador no campo do conhecimento, como foi que ele adquiriu inúmeros adeptos de suas leituras e inúmeros críticos também?

Se um autor tem críticos é porque conjecturo que estes foram leitores de suas obras. Como é que um sujeito se torna tão requisitado nas pesquisas do meio acadêmico? Permaneço a imaginar e refletir, como isto aconteceu?

Penso que, somente eu neste planeta tem esse tipo de dúvida. Será que estou errado, ou existe mais alguém com esta contestação privada e não discursiva porque não é formidável no debate da academia? Quem daria ouvido a esses absurdos?

Talvez este escrito seja ignoto por uns, lidos por outros e criticado por muitos, mas, preciso retrucar: a questão é reflexiva.

Não quero aqui falar de nenhum autor específico, até porque sou leitor de muitos e se minha crítica é sobre teorias, o correto é não citar nenhum teórico.

Meu único interesse é questionar como alguém chega a ser um autor renomado em uma sociedade que simplesmente “só reproduz”.

Os alunos da graduação e pós-graduação vivem reproduzindo outros autores, por que será? Quer saber mesmo?

Alunos de Pós-graduação stricto sensu no mínimo deveriam ter a maturidade para não ficar replicando tantas produções de outros, citando Afrodisíaca, Margarida, Muriçoca por exemplo.

Em certo momento propus ler um livro de Mosquito, ele aponta várias ideologias, questões filosóficas, contribuição no campo da política, educação, relações sociais, referendando um ponto de vista filosófico e religioso, não encontrei nenhuma citação de autores em sua obra.

Indaguei: por que tenho que escrever um texto de cento e cinquenta páginas e encharcar de teorias? Citar, Calango (2015), Preá (2019), Florzinha (2020).

Qual o benefício disto?

Até imagino as centenas de células se mexendo no cérebro de uns para contender, antes, porém conclua a leitura e depois opine entre suas labutas e reflexões.

Continuamente tive a aspiração de expressar este debate no meio acadêmico, mas sempre recuei, pois seria criticado pela massa da ramificação “erudita”; primeiro porque vão dizer que as teorias surgiram de experiências, de debates, de pesquisas, discussões grupais e tantos outros benefícios que vieram a contribuir no meio acadêmico.

Não questiono sobre isso, com essa ideia concordo, por este motivo, indago ainda mais.

Se isto promove tanto benefício, por qual motivo os acadêmicos: mestres e doutores, não podem escrever uma dissertação/tese baseada em uma pesquisa, sem citar centenas de teorias, produzindo uma colcha de retalhos de um texto que poderia ser totalmente do indivíduo que escreveu.

Sobre qual parte desta discussão você ainda mantém dúvidas ou não está entendendo?

Estou querendo dizer que eu posso escrever uma tese que tenha o título *Memórias de mulheres com deficiência visual*, e ser capaz de ir investigar estas mulheres no campo da pesquisa e fazer minhas análises, através do que adquiri na investigação.

Escrever meu texto, dar meu ponto de vista, percorrer por outros teóricos, mas, nada de ficar citando-os a esmo.

É preciso descobrir uma nova teoria a partir de outras, concordo, portanto, serão necessárias cento e vinte referências em uma tese?

Preciso contribuir para o meio acadêmico me tornando um autor de mim mesmo e não fazendo fama de quem já tem.

Por que minha tese só faz sentido se eu confrontar com outras pesquisas como a de Borboleta?

Por exemplo, li o livro de Borboleta (2012), em nenhum momento ela embebia o texto de teorias, até falou de pesquisas recentes, de dados, nada de citações sobre citações.

Li um livro dela chamado *Recordações antigas* e não encontrei em nenhuma das quinhentas páginas, citações de autores como: Gafanhoto, (2004) e formigão (2005), e o livro dela, é lido por muitos no ramo das controversas, qual motivo será?

Outra ocorrência no meio acadêmico, quando o autor é famoso ele começa a ter teorias prontas, descartando ideias de outrem, principalmente recém-formados, gosta de ser chamado de intelectual, entendido da temática, somente se considera capaz de responder as questões embasadas por si mesmo.

Se um mestrando ou doutorando confrontá-lo, dará início a um conflito.

Vou descrever um exemplo pessoal, ocorrido há alguns anos. Jazia em uma palestra de pós-graduandos com alunos e professores em uma Instituição pública do país, ocorrendo na ocasião um debate sobre Educação e Ciências.

Estava presente uma renomada professora, escritora, autora, de outra instituição, e quando surgia uma pergunta ela sempre esclarecia.

Em algum momento entrei no debate dando minha contribuição, acredite, ela veio com “um quente e duas fervendo”, como diz um ditado da minha terra, eu era apenas um mestrando, imagina um acadêmico discutindo com uma autora de diversos livros, isto é uma afronta.

O melhor está por vir, quando concluiu o debate, alguns colegas, me indagaram: “você está louco! Questionar aquela Floresta! Ela é importante! Renomada!”. Respondi com cortesia, indaguei e indago, quantas vezes for preciso.

Mediante esta reflexão, penso eu, só porque o autor é ilustre, vive palestrando, citando suas contribuições no campo acadêmico e científico, é aplaudido por grandes plateias nacionais e internacionais, então uma “pessoa comum”, não pode dar sua opinião, por menor que seja, por não ser renomado?

Logo surgirão perguntas como: Quantos livros você já leu? Quais as pesquisas você já fez sobre o tema? Quais autores você é seguidor? qual sua contribuição na sociedade para pensar desta maneira? O que já escreveu sobre o tema?

Só pelo motivo de questiona uma teoria, indo ao desencontro de alguém que é uma celebridade acadêmica.

Pensamentos surgem rápidos, e é preciso anotar, escrever, discorrer, com críticas ou sem críticas, é necessário contribuir, mesmo que não acene a elite intelectual.

Escutei de muitos colegas mestres e doutores que em oportunidades de um debate aberto, sempre mencionam o mesmo questionamento: “para quê tanta teoria, se não podemos ter a nossa própria?”

Conheço colegas que abandonaram os cursos Lato Sensu e Stricto Sensu na fase do trabalho final, simplesmente pelo fato de serem obrigados a ler dez a vinte autores para nortear seu trabalho.

Por que não poderiam ser autores da sua própria pesquisa? A maioria teme ser rejeitado e ser malvisto no meio das celebridades.

No meu caso, não me preocupo se serei bem ou malvisto, resolvi refletir sobre o que compreendo ao longo destas poucas páginas.

Sou doutorando em Educação em uma das melhores universidades neste nível de ensino do país, o conceito pela Capes é nota máxima, me orgulha, por outro lado, sei da responsabilidade que devo ter em um Programa de pós-graduação desse porte.

Estou iniciando na instituição, conhecendo o curso, me engajando aos poucos, ajuizado em querer saber se os acadêmicos possuem liberdade de produzir seus escritos, sem que haja uma demanda tão abrasiva de teorias.

Percebi nas primeiras aulas, que as disciplinas estão no mesmo nível de outros cursos de humanas nas centenas universidades do país, onde os professores indicam dezenas de livros, artigos, periódicos, dissertação e tese, fazemos as leituras, trazemos a discussão para o debate em sala, norteados pelas teorias estudadas.

E como requisito de uma nota, geralmente a produção de artigo científico individual ou em dupla, com no mínimo doze a quinze laudas, citando teóricos que estejam de acordo com a pesquisa da dissertação ou tese do aluno.

O texto deve estar dentro dos padrões acadêmicos e científicos, não pode fugir dos modelos ou não será aceito!

Mas se Joanhina (2010) apresentasse um artigo de doze laudas sobre uma teoria própria, seria aceita ou não?

Imagino um graduando, mestrando e doutorando, lendo textos, e questionando, como deveria ser as produções acadêmicas?

Respondo: sem muito alarme, primeiro dia de aula, deveria ficar acordado entre discentes e docentes a forma de avaliação, e não imposição de avaliação, como que cada aluno desejaria fazer esta a avaliação principalmente no mestrado e doutorado.

Imagino o professor juntamente com a turma organizando a disciplina da seguinte maneira: indicação de autores, porém, deixar o aluno “livre” para fazer outras leituras sobre a temática abordada durante o semestre, buscando informações e textos diferenciados.

Após algum tempo, o aluno traria um texto da sua própria autoria, e apresentaria em um debate na sala de aula. O aluno não se encheria de teorias.

Elucido que sou a favor de teorias e suas contribuições, portanto, a questão neste é sobre o aluno ser autor de sua produção.

Imagine, doutorandos e mestrandos debatendo seus textos, discutindo os textos dos colegas da sala, controvertendo, questionando e ouvindo cada um dos mesmos.

Como seria interessante tratar de textos lançados pelos alunos, cada um demonstrando seus pontos fortes e fracos, e acabar com essa ideia de que Juca (2012) e Jeca (2015) são bem requisitados e dois grandes intelectuais, enquanto o aluno (2020) não é reconhecido, não tem nenhuma pesquisa, não é renomado, seus textos escritos não são relevantes para trabalhos e debates mais aceitáveis.

Francamente é meia noite e vinte minutos, me sinto inspirado para escrever sobre esta necessidade acadêmica, prosseguindo estas linhas, sobretudo nesta questão do autor, criar suas próprias escritas.

Se for criticado, aceitarei com humildade, se não ocorrerem as críticas com humildade também aceito.

Se Joaquina escreveu um livro e vendeu centenas de exemplares, me pergunto: ela falou sobre algum autor? Ela citou alguma teoria de terceiros? Do contrário alguém dirá “este não é um trabalho acadêmico, para o qual seria necessária uma pesquisa, buscar algo que contribuirá na pesquisa, ensino e extensão”, a tríade da universidade.

Compreendo tudo isto, até mais do que qualquer outro, porém fico tenso por Joaquina escrever um livro sobre sua vida e os acadêmicos sejam impedidos de colocar no papel as escritas dos seus conhecimentos.

Existem centenas de alunos do doutorado e mestrado, até mesmo da graduação, que se forem estimulados a escrever sobre educação especial, acredite, serão uma Viúva Negra (2011) na contemporaneidade, pois, já têm embasamento e conhecimento para escrever sua obra.

Só que no meio acadêmico nas áreas de humanas a Viúva Negra é uma pesquisadora renomada, uma especialista chilena, requisitada, e tem conhecimento de causa.

Já Margarida, que mora na periferia, casada, dona de casa, mãe de duas filhas, professora em duas escolas e doutoranda, ama trabalhar com educação especial, até porque tem uma filha com deficiência visual, te pergunto: ela não pode escrever e ser autora de si mesma, pelo que já conheceu, já vive, já leu?

Será que não pode ser contribuinte para a educação especial do nosso país? Infelizmente não, né?

Porque o nosso sistema de ensino vem do macro para o micro, e nessa efervescência de horrores em produção acadêmica, como a Margarida que chega ao doutorado tem credibilidade acadêmica?

Vai ter que ler, A, B, C... Z e depois produzir seu texto e citar no mínimo cinquenta referências bibliográficas, isto sim é um trabalho de credibilidade.

Ninguém é obrigado ser autor, ninguém é obrigado ser acadêmico, dentro da academia é preciso seguir os padrões, regras, normas, isto é aceitável.

Mas, preciso desabafar para discutir sobre até onde se encontra a escrita de teoria/por teoria.

Fico a imaginar como a escola básica vai ter autor, aquele que escreve seus textos, se dentro da própria academia não se faz isto.

Sempre quis dizer isto, e aproveito este inciso para escrever e apontar sobre estas questões.

Amo ouvir crianças contando as histórias que elas mesmas criam, mas, tais criancinhas quando chegarem na academia, irão produzir acerca de Jeca Tatu e Tatu Jeca (2010), menos escrever seus belos textos que aprenderam em tempo de outrora.

Historicizar para quem?

Declaro que permanecia pronto a escrever um texto sobre História oral, entretanto em meio aos apontamentos, meu pensamento direcionou rumo a uma citação de Marc Bloch, historiador francês (1886- 1944) que em uma de suas obras cita que é necessário “saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos estudantes”.

O que você entende por isto? Antes de continuar lendo volte a citação e faça sua reflexão, somente então persista na leitura.

É notório que entendemos com a citação que, pesquisar é, principalmente produzir conhecimento, e este deverá estar aberto à compreensão de todos, e não de um grupo restrito de intelectuais.

Nesta perspectiva compreenda que a história deve ser abrangida em toda esfera, e não só ao meio acadêmico, ou a grupos reservados, todos devem ter conhecimento independente das qualificações, classes sociais, raças, credos, gêneros e outros.

Acredito que através da história oral, memória e narrativas, é que as classes menos favorecidas poderão deixar o legado para futuras gerações. Não é possível, que o gari, o negro, o pobre, a doméstica, o sem teto, o catador de lixo, e outras categorias que estão à margem de uma nação, não possam ter conhecimento da história e fazer parte dela.

Quando entendo que o conhecimento deveria ser para todos, e não um grupo exclusivo, é que observo fatos como o exemplo do senhor João, morador de rua; foi casado, separou-se há alguns anos, os filhos o abandonaram por causa do alcoolismo, ele conseguiu fugir de um abrigo e está mendigando nas ruas de uma grande metrópole.

O senhor João sabe ler, escrever, e tem uma história, entretanto, não tem acesso à história, não chegou até ele. Senhor João não fará parte da história, ele é número de estatística, morador de rua, mendigo, e quando falecer, mais um indigente.

Através de episódios como o do senhor João, reflito que embora o papel dos historiadores e pesquisadores, seja historicizar, narrar, biografar, porém, é, preciso que a história se aproxime dos Gregos e troianos, dos príncipes e plebeus, dos Y e X, que seja acessível àqueles que são letrados, mas, também acessível àqueles que têm história e não conhecem a história.

Acessíveis àqueles que passam suas vidas contribuindo com uma invenção, e quando encerram o trabalho, seu nome não aparece nos *outdoors*, permanecendo assim uma classe subalterna da sociedade.

Conclamo, porque fazemos parte da história, que todos deveriam ter acesso à história e quando falo em história, refiro-me ao relato de vida do/a homem/mulher que foram abandonados em meio à pandemia, guerras, fome, miséria, violência doméstica, e outras crises culturais, sociais e individuais.

Repito é preciso historiar.

Teoria sem prática – discurso vazio

Tenho certo receio que talvez não alegre alguns leitores, apresento dificuldade em dialogar com o mesmo espírito que alguns estudiosos contemporâneos, estes que estão em todo canto, na televisão, na rádio, no *Youtube*, no *Instagram*, nos meios digitais e de comunicações.

Alguns discorrem emblematicamente, outros têm o dom da oratória, e ainda há aqueles que discursam a partir de uma teoria bem dinâmica e prontificada a arrebatá-los de plateias lotadas, aplausos, gritos, risos, e muita cordialidade.

Um exemplo fictício é o *Frédéric* renomado, sério, olhar penetrante ao público, alguém bem importante na atualidade, mas não encontro vivência/prática no que *Frédéric* anuncia.

Frédéric tem bastante experiência intelectual, conhecimento teórico, formação de alto patamar, um currículo recheado, no entanto quando se posiciona em seus livros, vídeos ou plateias, explana teorias aprendidas na academia, em suas experiências acadêmicas, se posiciona com discurso de conteúdos que presenciou, leu, mas de fato não vivenciou.

Nesta perspectiva, gosto de um discurso do que vivenciei e não apenas do “ouvir falar”, e este escrito é para fomentar um debate e discussões, sejam contra ou a favor da temática proposta.

Sou natural do interior, vivenciei minha infância na zona rural, estudei em escola pública, presenciei de perto a pobreza extrema e ao mesmo tempo da abundância, aprendi aprendendo, decorei decorando, ou isto, ou nada.

Portanto ouvir alguém com uma linguagem teórica e vazia de aprendizado, isto, não me alvoroça, pois, o que me alegra é quando alguém fala da escola do campo e de fato estudou nela, conhece a realidade.

Quando alerta sobre a pobreza, é porque sofreu dela, quando diz que a desestrutura familiar é questão de carência e outras temáticas, é porque residia nesta arena.

Lendo a biografia de *Frédéric*, não constatei que vivenciou as raízes da pobreza, nem que estudou na escola do campo, tão pouco presenciou a violência doméstica, ou sentiu o choro de um filho por ter um pai alcoólatra, ou o desespero da mãe por não ter nenhum pão na mesa para alimentar seus filhos, não chorou as dores, e nem sentiu os odores da vida.

Apenas aprendeu, conheceu através das centenas de leituras que fez, das pesquisas que se envolveu e até mesmo das histórias que aprendeu, mas nunca viveu de fato o que muitas vezes está anunciando.

Certa feita participei de uma reunião de professores, na qual a interlocutora iniciou o encontro com um vídeo de *Frédéric* fazendo uma reflexão sobre a escola pública, o vídeo de apenas 5 minutos.

Ao término do vídeo a plateia aplaudiu as teorias do autor, em seguida a nomeadora estipulou alguns minutos de questionamentos e reflexões, aproveitei, para indagar sobre o que o autor estava falando, pois, não relacionava com a nossa prática.

Seu discurso seria mais achegado aos colégios particulares de classe média ou rica a exemplo das grandes metrópoles, jamais caberia em uma escola pública de uma cidade do interior.

O autor dava sugestões de uma escola tecnológica, onde o aluno estivesse entrelaçado às tecnologias; e eu pergunto se ele já estudou em uma escola pública, entende de fato o que é o chão de sala de uma comunidade ou de uma periferia?

Na realidade centenas de alunos não têm celulares e outras sem acesso à internet e dentre os que têm acesso, não conseguem manusear o celular na perspectiva de educação, apenas como entretenimento ou qualquer outro fim, menos como meios que levem a estudar.

Uma amiga professora universitária, uma vez me disse que “a universidade precisa de pessoas que venham do chão da educação básica”, pois como podem as universidades estar cheias de professores, intelectuais, estudiosos, pesquisadores, porém alguns sequer conhecem a realidade da escola pública e outros ainda nem por ela passaram — a prática difere da teoria, porém a teoria deve andar com a prática, isto mesmo.

De que forma estudiosos se amontoam de produções acadêmicas, sem de fato, terem vivido uma prática de campo, demonstrando o que aprenderam em sua praticidade, deveria ser um assunto a se pensar a respeito, considerando ser pertinente no diálogo social.

Frédéric foi um nome fictício, para dar ênfase ao texto, no sentido de demonstrar que o conhecimento teórico contribui na medida do seu emprego prático, pois quando juntamos teoria e prática, o prato fica mais saboroso.

Quando se tem muitas teorias e poucas práticas, nada vem acrescentar com a vivência do discente.



Por que será que muitos professores da educação básica não gostam de ler um livro, um artigo, um texto acadêmico?

Será que não seja porque não está atrativo para sua prática, e como se fora uma receita de um prato em que possivelmente está apenas com alguns grãos esquecendo outros ingredientes?

Qualquer um pode opinar?

Antes de iniciar a leitura reflita na pergunta acima

Estou aqui refletindo sobre a ditadura militar — jamais fiz uma leitura aguçada sobre está questão, apenas ouvi depoimentos, vídeos, filmes, coisas que nos colidem quando assistimos.

De fato, não me aprofundei no assunto!

Percebo que quando não temos domínio do assunto, não precisamos discorrer dele, como se soubéssemos argumentar, quando não temos conhecimentos do assunto, é preciso pesquisar sobre ele ou silenciar.

Muita gente não entende nada de economia, política, religião, Bíblia, violência, mas quer opinar de todo jeito, “meter o bico onde não é chamado”, expressão popular da minha terra.

Para quem gosta de falar sobre temas atuais, polêmicos e outros, recomendo duas alternativas: a primeira, entre numa discussão sobre o assunto se vive ou viveu a situação.

Vejamos um exemplo: já sofreu violência? Então fala sobre tua vivência. Faz algum curso de economia? Então discursa sobre o assunto. Lê sempre a Bíblia? Então fala com prioridade sobre ela.

És político ou vive no meio dele? Então fala sobre teu trabalho na política, seja qual for a discussão entra com veracidade daquilo que vive/ou viveu, narra tuas experiências negativas ou positivas, isto será bastante válido para qualquer tema.

A segunda é sobre conhecimento fundamentado; és um estudioso de amplo conteúdo? Entende do assunto? Acompanha os jornais impressos/digitais e os meios de comunicação? Lê artigos?

Tem acesso às informações com as novas tecnologias? Pesquisa sobre o assunto pelo qual te interessa? Escreveu alguma coisa sobre a temática que diz ter propriedade? Se a resposta for positiva segui viagem, estás preparado.

No entanto, se você é leigo no assunto, não está por dentro das informações, se quer ler um artigo de poucas laudas sobre o que se passa na sociedade, vive de informações através de *fake News*, se alimentando de o áudio, vídeo e mensagens vias *Whatsapp*, *facebook*,

Instagram e outros meios digitais, veja bem, você está fazendo papel de tolo, te darei outro exemplo prático e a seguir extraia suas conclusões.

Tenho alguns livros de um determinado autor, porém, conheço pessoas que jamais leram alguma obra deste autor, mas usam seus discursos para falar mal dele, pois afirmam que ele foi um equívoco na área de seu conhecimento.

Te convido a ler ao menos uma obra do mesmo, seus textos são apenas reflexivos e questionadores, levando o leitor a compreender que na sociedade existem pessoas e pessoas, aquelas que dominam e as que são dominadas, seus escritos trazem informação não somente ao meio acadêmico.

Porém, conheço gente que por vias de ferramentas digitais, denigre a memória do autor, e busca distorcer afirmando que ele foi um problema na sociedade.

Pergunto: já leu algum livro do autor? o desconhecedor diz, nunca! Não interessa, apenas assistiu alguns cortes de vídeo que mandaram ou textos fora de contexto, e o que se reproduzem nos meios sociais.

Como diz aquela frase popular, “para que está feio!”. Eu não posso falar de ditadura se não vivi naquele período, pois em 1964, minha mãe tinha apenas 22 anos, tinha acabado de casar-se.

Como não presenciei, ninguém narrou aquele período, não busco ser um estudioso, e conhecedor da ditadura, nem tenho interesse sobre o assunto, como vou me pronunciar que a ditadura foi um período que prezou a moral e as regras?

Vou ser uma “Maria vai com as outras!”, vou ter base em informações certas ou errôneas de pessoas mal-intencionadas, que querem me manipular a vivenciar um lado da história, e quando este lado é o pior a tendência é eu cair no erro e ainda achar que estou certíssimo, sem uma reflexão intensa.

Outro tema importante é a segunda guerra mundial, muita gente fala de Hitler, mas não leu sequer nada sobre ele, não assistiu nada sobre o caso, e tão pouco debate com pessoas que vivenciaram a guerra e estudaram sobre o assunto.

É desejável que falemos quando tivermos algum conhecimento do que estamos querendo discorrer, conversas vazias são sinônimas de ignorância, conversas sem coerência dão náusea ao interlocutor.

Para concluir, digo se o ser humano conhece de fato o assunto sobre o qual se interessa em discursar e tem um ponto de vista estreito visando apenas um ângulo, tendo dificuldade séria de reflexão, sabendo que existem erros graves acerca do tema e mesmo assim sua tese de defesa está pronta, esta pessoa tem cem por cento de chance de ter perturbações seríssimas.

Por outro lado, você que conhece e defende com propriedade o tema que está em discussão, e sabe que está coerente, entendendo os pontos fortes e fracos do tema que discursa, atentando para a gravidade, tendo a ciência e postura a favor dos que padecem/padeceram diante do assunto, está no caminho certo.

Porém, respeite a opinião do adversário, e seja imparcial, não se contaminando ao ponto de criar uma rixa, ou ódio, mesmo sabendo que o outro está visivelmente contraditório.

Colchas de Retalhos

Já ouviu alguém dizer, aqueles textos eram verdadeiras “colchas de retalhos”? Essa fala significa que o texto foi construído com base em partes dispersas, é como contrair uma parte daqui, dali, dacolá e juntos fazer um resumo, uma resenha, um artigo...

Todo este arranjo, poderá ficar sem conexo, justamente, pelo fato da junção de vários outros contextos.

Quando atribuo partes dissociadas para um artigo científico, monografias, dissertações, teses, e outros, estou dando construção a uma colcha de retalhos.

Podemos perceber que existem pessoas que juntam Mosquito (2015), Pernilongo (2017), Grilo (2019), trazendo para dentro do seu texto uma escrita surreal, uma mistura, muitas vezes desconexa, e desqualifica o trabalho.

Tudo isto, por causa da grande quantidade de referências bibliográficas, que o trabalho deve apresentar, caso contrário, qual será a veracidade da produção?

O importante em um trabalho acadêmico é o grau de entendimento que você possui para entrar em diálogo com seu ponto de vista sobre os teóricos estudados.

É importante esta conectividade, porém tem que tomar cuidado para não fragmentar os textos, o que seria constrangedor e um tanto desconfigurado em um meio acadêmico.

Certa vez uma jovem estava prestes a apresentar seu trabalho de conclusão de curso, de uma graduação e ela dizia assim ao orientador: “Estou muito aflita com a banca, podem perguntar algumas questões que não saiba responder”— e o orientador perguntou: “o trabalho é seu, responda tudo que te perguntarem, este trabalho é seu e você tem autonomia de responder”.

Aquela jovem ficou apreensiva e angustiada, entrou naquela sala para apresentar seu TCC, dali em diante não sei mais o que houve e não fiquei sabendo sobre sua apresentação.

Fiquei meditando: em duas opções, ela deve ter conhecimento de trabalho para apresentar e responder todas as questões, ou ela fez uma verdadeira colcha de retalho e para apresentar terá de ser muito esperta para driblar a banca de professores.

Contudo, espero que ela tenha se dado bem, e feito o trabalho esquecendo as partes fragmentadas, uma vez que só causaria em si nervosismo e tensão psicológica.

Conversas que não levam a lugar algum

Renovo as lembranças para principiar este ensaio, e narrar o quanto foi valiosa a aprendizagem informal, no interior de um Fiat Uno, no percurso de doze meses, viajando uma hora e meia, todas as segundas-feiras de Belém/PB á Campina Grande/PB, para estudarmos a especialização em Novas Tecnologias, ofertada pela Universidade Estadual da Paraíba/UEPB.

O meu amigo residia em uma cidade a 9km da que eu habitava, no entanto, todas as segundas-feiras eu estava na praça as 6 horas esperando por ele, e prosseguimos à viagem.

Era a realização de um sonho em tornarmos especialistas.

Meu amigo dirigia o automóvel, eu sempre no banco de carona, quando dávamos bom dia, automaticamente, já surgia um assunto para debatermos naquela viagem.

Esses assuntos eram diversos, toda semana tínhamos um para debater, discordar, concordar, e até gritar na euforia das discordâncias.

Principalmente por mim, uma vez que ele era mais calmo, tranquilo, levava tudo numa gentileza que não consigo entender até hoje, como ele transmitia aquela paz em meio a um debate eufórico.

As lembranças são nítidas, e parece que estou naquele carro, debatendo os mais variados assuntos, como: fé, religião, Deus, igreja, seitas, política, economia, casamentos de pessoas do mesmo sexo, racismo, preconceito, a vinda de Jesus, a igreja católica, as igrejas protestantes, e outros temas que surgiam na ida, e sobejava para a vinda.

Muitas vezes isto nos enaltecia, um dizia algo, o outro discordava, ou concordávamos, era impactante.

Apesar de ter dias em que o falatório era aguçado, mas o que me chamava atenção, que ao voltarmos para nossas casas, o assunto se acabava e nós não tínhamos cólera um do outro.

Às vezes concordávamos dizendo: “o debate foi bom, mas, isso não leva a lugar nenhum”.

A partir deste pensamento, “isso não leva a lugar nenhum”, indagávamos: por que não escrevemos um livro com o título: *Conversas que não leva a lugar nenhum*. Todas as vezes que acabávamos as discussões, sempre nos lembrávamos desta frase.

Pensávamos em escrever um livro, pelo motivo de debatermos vários assuntos, discutir sobre várias temáticas, nos estressávamos, dialogávamos muitas vezes em uma dialética diplomática, visto que, no final do debate, era mais um falatório e nada registrado.

Ficaram apenas palavras, lembro de algumas, de outras esqueci, na realidade não chegamos a lugar algum.

Restou o aprendizado destas conversas informais, para refletimos sobre o respeito, o ponto de vista, e experiências, e guardar as memórias individuais do tempo de pós-graduação.

Portanto valeu a pena concluir esta especialização, haja vista que meu amigo não a concluiu, e, no entanto, o projeto do livro ficou para outro momento, algo que já faz mais de quatro anos.

Percebo que em todos os espaços formais ou informais, sempre haverá um diálogo desse tipo, o aspecto positivo é cada um dar seu ponto de vista, e que não prevaleça vencedor, mas, que a conclusão seja respeitosa entre os pares, jamais finalizando com inimizade, intriga e agressões.

O importa que no final de cada discursão não haja derrotado, não haja o certo, não haja o sabe-tudo, e sim pessoas adultas, maduras, que aprenderam a respeitar opiniões diferentes da sua.

A diplomacia

De repente me pego dialogando com um amigo, desses que conversamos sobre religião, política, racismo, preconceito, Deus, e vários assuntos.

Partilhei com ele sobre o paradoxo que estou vivendo, repito, eu, Eduardo, pois, estou em uma sociedade que vive uma hipocrisia de ideologias, esquerda, direita, centro, extremos e assim por diante.

Repito, uma tremenda hipocrisia por todos os lados.

Um exemplo prático para você entender melhor: chegue em uma Faculdade na Barra da Tijuca, Zona Oeste/RJ, você vai ficar surtado, se tiver um pensamento diferente do grupo, pois os sujeitos comungam de um pensamento único.

Por outro lado, convido você adentrar em uma universidade pública, no Bairro da Zona Norte— pasmem! Os sujeitos comungam de formas diversificadas de pensamento, desde aqueles que se julgam a santidade papal (mais tudo lhes é permitido), àqueles que se dizem modernos.

Se de um lado jovens se alienam com normas, regras, ideias de politicamente corretos, do outro lado é a postura de quem se diz que pode isso, pode aquilo, e assim por diante, e se pensar diferente será ejetado do meio do grupo.

Há pouco tempo assisti a um vídeo do saudoso conterrâneo Ariano Suassuna, no qual ele diz que as pessoas têm mania de querer fazer você ler o que elas escrevem, viajar no que elas viajam, fazer os absurdos que elas fazem, seguir as regras que elas seguem...

Esquecendo-se que o sujeito tem entendimento, é dotado de raciocínio e no mínimo deve ser inteligente para discernir o que seguir.

Fico estarecido com questões circulando nas redes sociais, na televisão, nos rádios, em todos os níveis de comunicação sejam de D ou E, sempre alguém defendendo os interesses, seus pontos de vistas absurdos, e hostilizando caso você pense o contrário.

Após meu desabafo, meu amigo diz: “a pessoa não precisa escolher lados, nem rótulos. Elas não estão preocupadas com o que realmente importa, que são as pessoas”, (acredito que ele se referiu aos políticos, ou pesquisadores de direitas e esquerdas).

Então ele concluiu: “são apenas teóricos falando de coisas que eles não têm nenhuma prática”. Concordei.

Contudo, se alguém ler este texto, e tiver pensamentos ideológico diferente aio meu, vai me censurar, por isso escrevo para aqueles que assim como eu, não têm lados, apenas analisamos toda a esfera e no final, entendemos que existem somente interesses próprios.

Ser íntegro ou hipócrita! Eis a questão

“Aquilo ali é uma pessoa hipócrita! “Prega uma coisa e vive outra, na realidade é um fariseu, acusa o próximo, mas não olha pra si mesmo”.

Alguém já ouviu esta frase? Parte dela é proferida por pessoas cristãs, ou não cristãs, algumas até seguem a doutrina evangélica, outras sequer dão confiança ao cristianismo e ainda por pessoas de diversas denominações religiosas.

Portanto, quando identificam que alguma pessoa fraquejou, ou está cometendo algo ilícito, logo se posiciona para dar uma lição de moral, se torna um bálsamo para o delator proferir as insinuações.

Percebam que parte desta frase também se encontra nas escrituras sagradas, a Bíblia, o livro sagrado dos cristãos.

O próprio Jesus Cristo em certo momento, chamou alguns judeus, de fariseus de hipócritas (Mateus, 23). Se lermos o pronunciamento de Jesus Cristo, ele diz: “vocêscris e fariseus, hipócritas”, se lermos todo o contexto, vamos encontrar no versículo 27 Jesus dizer, que por fora as pessoas vivem de aparência para mostrar que são como sepulcros caiados, que externamente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundice.

Perceba que é sério o que Jesus diz para aqueles homens, e muitos dos cristãos no meio evangélico estão sendo repreendidos por pessoas que trazem discursos de Jesus e jogam na “cara” do sujeito, dizendo: “é igual a um sepulcro caiado, vive de aparência, prega uma coisa e vive outra, não tem postura de crente, aquilo é um maquiavélico, “estes evangélicos são desacreditados” e outras acusações.

Incluso a estes comentários me articulo dizendo que o único juiz nesta sentença é Jesus Cristo, só Ele pode julgar, repreender e corrigir o homem.

Por que submerjo em um assunto tão polêmico no meio religioso cristão? Porque passei a observar o segundo e mais importante caminho dos cristãos evangélicos.

Enquanto alguns são de fatos hipócritas, outros são íntegros, e as pessoas generalizam que os evangélicos são pessoas pérfidas.

É preciso entender/raciocinar que em um país com mais de 200 milhões de habitantes, existe uma abundância de evangélicos, homens, mulheres, jovens, adolescentes e crianças,

que se posicionam como Cristãos e verdadeiros adoradores, na palavra de Deus, no jejum e na oração, ajudando o próximo em questões espirituais e materiais.

Repito não são poucos, são centenas neste planeta, muitos, muitos, muitos, com a missão belíssima, de fazer o bem, de pregar a palavra do Senhor com exatidão, se afastando das coisas do mundo e vivendo o verdadeiro sentido da vida, buscando a santidade.

Se por um lado, existem os hipócritas, por outro existem os íntegros, então será que os hipócritas são vistos e os íntegros, não?

Concluo este escrito afirmando que existem homens e mulheres que se doam na missão e não são poucos, são em abundância em prol do bem! E creio que a integridade deverá prevalecer mais do que a hipocrisia.

Uma colisão

Estou em colisão, sem acreditar, quase penetro em uma cratera sombria, e alojo-me por lá mesmo.

Digo isto por entender que o ser humano muitas vezes viaja em si próprio, e não se permite a uma discussão ampla das questões que envolvem o meio social.

É compreensível que para termos argumentos de um assunto procuremos ler, pesquisar, dialogar com pessoas e promover a análise. No meu caso, prefiro discutir com pessoas sobre a temática, para poder admitir, entender e opinar.

Recentemente estou lendo alguns escritos de *Karl Marx*, pois, durante as minhas graduações sempre fui instigado a ler sobre o autor, mas confesso que nunca mantive interesse de me aprofundar e tão pouco me obriguei a conhecer suas obras.

Atualmente penso diferente, preciso conhecer sobre marxismo, para ter opiniões e assim, acrescentar ao debater, discutir, e poder escrever sobre seus conceitos, seja com pessoas da família, amigos, acadêmicos ou outros que tenham interesse.

Mediante este meu interesse acenei para algumas jovens da família a um assunto que nomeei “debate sobre marxismo”. Inseri um slide com nossas fotos em um grupo desses de redes sociais, onde escrevi que nosso bate boca seria em casa mesmo, longe das *lives* e plateias.

Entretanto, algo me surpreendeu. De repente alguém escreve “Estamos em uma sociedade patrimonialista e escravocrata, pare de enviar isto no grupo, poderá se espalhar, em outras palavras poderá trazer futuros problemas””.

Pasmei, paralisei, me senti na guerra mundial de 1914, depois pensei que estava na ditadura militar de 1964, por fim respirei, no desígnio de entender o que estava acontecendo, porque aquela pressa.

Prontamente, acatei a opinião e fiz como propôs, aniquilando as fotos que havia enviado ao grupo. Mesmo assim, fiquei inquieto e não me calei, porém respeitei e compreendi a sua manifestação.

Mantive a fineza. e comentei que há dez minutos, assistia uma “*live*” sobre “golpe” e que um dos participantes proferiu em alto som para mais de dois mil telespectadores, que o presidente do país era “um bosta, comia mal, bebia mal, e que não contribui em nada”.

Adentrei nesta pauta para explicar que estamos em uma democracia mesmo que seja camuflada, na qual até o presidente é censurado e imagina qualquer outra pessoa que se diz comum.

No entanto as pessoas falam o que compreendem e porque não se poderá dialogar e debater sobre o marxismo? O motivo foi subentendido, fica no oculto, porém, da forma que foi escrito, era como se falar de *Karl Marx* poderia dar em prisão, e automaticamente, alguém seria levado à forca como fizeram com Tiradentes.

Não estou exagerando, apenas narrando neste escrito, tão presente aos meus pensamentos, que diante de tamanha magnitude que é o nosso país, ainda existem pessoas “intelectuais” que se enclausuram na discussão de temas como: Ditadura militar, marxismo, extrema direita, extrema esquerda, fanatismo religioso e tantos outros.

Sou cristão evangélico, comungo com as ideias produtivas de ideologias divergentes, sem me ater a apenas um sistema de ideias.

Escrevo esta narrativa por entender que em pleno século XXI, em que as lutas de classes vêm se fortalecendo ao longo dos anos, ainda há pessoas que retrocedem, se calam, se fecham em quatro paredes e não partilham de saberes relevantes à sociedade.

Embravece-te?

Já lhe fizeram alguma pergunta aloprada do tipo: você é casado? Você gosta de mulher ou de homem? Como você faz para suprir suas vontades sexuais? você é virgem? Você é vegetariano? Por que pintou teu cabelo de azul? Por que não corta essa barba? Que cabelo é esse?

Essas perguntas são aborrecidas, no sentido de querer travar a particularidade do sujeito, além de querer uma resposta do interlocutor que supra a curiosidade de quem está perguntando.

Quando algum sujeito faz esse tipo de pergunta, se idealiza que ele tem o desejo de descobrir qualquer coisa do outro, que não está a fim de partilhar sobre si, até porque se estivesse sairia comentando das suas escolhas.

Outra questão aborrecida é quando alguém faz esse tipo de questionamento, sem nem entrar em um contexto para problematizar a pergunta.

Por outro lado, ninguém pergunta ao homem casado porque ele não é solteiro, mas, ao solteiro pergunta-se “por que não se casou?” Ninguém pergunta a quem come de tudo: por que você come de tudo? Porém, pergunta ao vegetariano: por que só come vegetais? Ninguém é curioso se os casados têm relações ou não, mas questionam aos solteiros como fazem para ter relações.

Estas questões que estou levantando, não são particularidades minhas, mas já presenciei em muitos relatos e já fui arguido por algumas delas; fico refletindo como as criaturas são arguciosas ao ponto de querer saber se o outro faz isso, faz aquilo e não experimentam olhar para si próprio e dizer: “o que tenho a ver com essas peculiaridades do outro?”

Não vou fugir do assunto, mas, irei adentrar numa questão bíblica, por motivo único, sou cristão, e preciso refletir à luz do livro que acredito.

Por este motivo, irei “puxar a brasa para a minha sardinha” — no livro de 1º coríntios 7, 8 Paulo vai dizer que “Agora, sobre os solteiros e as viúvas eu digo isto: É melhor que eles permaneçam sem se casar, assim como eu.

Mas se não tiverem domínio sobre o seu corpo, então que se casem, pois é melhor casar-se do que viver desesperado de paixão”.

Percebam que Paulo, homem sábio, não fica bisbilhotando a vida alheia, ele apenas orienta se há domínio do corpo e pode-se viver em comunhão com Cristo por que não ficar solteiro?

Sem adentrar de questões particulares que fere a dignidade do próximo. É preciso ter coerência antes de se indagar sobre assuntos que não vem a crescer em aspectos, culturais, cristãos, sociais, econômicos e políticos.

É preciso refletir: esse tipo de pergunta contribui na formação do sujeito? A não ser que ele seja algum cooperador do IBGE, isto mesmo, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e está fazendo uma pesquisa sobre questões que elenquei e outras do nível.

Outro ponto importante destacar quando Paulo aos Romanos (14, 2-3), diz: ‘um crê que pode comer de tudo; outro, que é fraco, só come legumes. Quem come de tudo não despreze aquele que não come.

Quem não come não julgue aquele que come, porque Deus o acolhe do mesmo modo’.

Olha que importante isto, cada um acolhe o outro sem prejudicar o mesmo, eu como até “tripa de porco”, mas há quem se dedique apenas a comer legumes e tais pessoas não precisam ser questionadas, mas sim, compreendidas.

Percebam que até certas práticas são questões de fé.

Este texto não é de cunho religioso, é uma reflexão social. Quando escolhi o título, ‘embracece-te?’

É justamente para incitar o sujeito a refletir sobre questões que muitas vezes nos indagam, enfurecem, embatem, surpreendem, por coisas bobas, mas que se deixarmos nos contaminar, é como um balão que a gente enche e depois chega ao seu limite e estoura.

Portanto, antes de bancarmos o curioso, e fazermos perguntas para satisfazer nosso ego, ofereço duas sugestões: a primeira, se não te agrada entender o outro, então silencia, e segue adiante, como se não interessasse as decisões dele/a.

A segunda sugestão, faz um elogio, por exemplo: ‘que cabelo legal, parabéns por ser uma jovem solteira, você tem todo o futuro pela frente, não deixe nada te abater’, e assim por diante.

Apesar de citar dois versículos bíblicos, este não é um escrito contemplativo, é reflexivo, já disse antes, pois é notório que tais práticas preconceituosas e fingidas, estão infiltradas no ser humano, a ponto de estagnar, para receber respostas de outro que não está a fim de partilhar.

Como diz o ditado popular: alguém que não tem o que fazer e vem de mansinho, procurando informação para sair alfinetando por determinados lugares, sobre o comportamento do outro.

O que importa se uns gostam de doce e outros de azedo, uns de brancos e outros de pretos, uns se casam, outros ficam solteiros?

O que temos a ver com a peculiaridade de cada pessoa, cada um tem sua forma de ser, de pensar e de agir!

No mínimo precisa ser respeitado, já que é difícil ser compreendido.

Ser ético

Registrarei um escrito sobre ética, uma vez que esta temática é discutida no campo da Filosofia, do Direito, da Educação, da Sociologia e outras áreas do saber, pois, muitos ainda hoje discutem esta temática com dúvidas.

Mas, como meu interesse é fazer do leitor um questionador reflexivo, eu me envaideço para discorrer sobre um acontecido e depois tiremos as conclusões.

Certo dia uma jovem dirigia-se para a estação justamente na hora em que o metrô estava fechando as portas, no aperto de tanta gente ela viu quando um celular caiu e não dá mais tempo dela entregar ao dono.

Aquele aparelho é o mais novo da última geração, aquela jovem precisava de um celular, ela tinha algumas alternativas assim que o apanhou do chão, poderia desligar, tirar a bateria, formatar ou até mesmo vender.

A jovem fez diferente, porém; deixou ligado na certeza de que uma hora o dono ligaria procurando saber quem estaria com o celular.

Ela passou alguns minutos com aquele objeto em mãos até que o dono ligou, ela atendeu e se apresentou como a pessoa que encontrou o celular. Ele agradece e marcou um encontro para pegar o aparelho e a jovem prontamente aceitou.

Podemos pensar que esse fato é fictício, entretanto, não é, foi baseado em narrativa de uma jovem que reside em São Paulo e vivenciou este momento. Mas me diga se isso é normal nos seres humanos: encontrar algum objeto e querer devolver ao dono legítimo? Isso é uma postura ética? Moral? Educação dos pais?

Como você avalia este posicionamento? Questionamentos como este me fazem refletir acerca de uma aula que vivenciei no período que cursei administração e pagávamos uma disciplina chamada ‘ética’. Na aula aprendi algo que nunca esqueci.

A ética está intrínseca no ser humano, a moral é algo imposto. Pense que em uma cidade onde as leis não se aplicam aos pilotos e não há obrigatoriedade em usar o capacete; neste lugar ninguém o fará por vontade própria.

Porém se a lei for aplicada, pois em caso contrário pagar-se-á multa, então todos passarão a usar capacete. Quando agimos sem precisar de posicionamento estamos sendo éticos.

Quando nos pressionam a fazer algo estamos vivenciando a moral. Há filhos que só lavam os pratos se a mãe pedir mais de uma vez e há pessoas que só cumprimentam a outra se forem cumprimentadas primeiro.

Existem pessoas que aprenderam a vivenciar a moral esperando posicionamento alheio, enquanto os éticos de plantão estão sempre atentos a usarem o cinto de segurança, a usar o capacete, dar um bom dia mesmo a quem não conhece, lavar a louça sem precisar ouvir os gritos da mãe e tantos outros questionamentos

A ética é formidável, a moral é compreendida no sentido de doutrinar, intimar e repreender. Porém quando temos jovens com atitudes como a descrita anteriormente no caso do celular é que cremos que ainda há pessoas éticas nessa nação.

Voltando à jovem, ela sempre gostava de ir ao shopping e quando passeava por lá, desejava um presente que estava em exibição em uma vitrine. Ela sempre dizia que queria comprar aquele presente.

Porém, no dia que o homem foi pegar de volta o aparelho, agradeceu, pois aquele celular continha coisas importantes da sua empresa.

Como gesto de agradecimento, entregou-lhe algo como recompensa pela jovem devolver o celular. Para sua surpresa quando ela abriu o pacote, era o presente que estava na vitrine do shopping o qual a jovem muito almejava.

Conto esse fato para atentarmos para uma reflexão.

Em todo tempo devemos sempre estar atentos e vigiar. Na hora em que estiver em uma fila de banco não queira ultrapassar os demais, quando vir o dinheiro caindo do bolso de alguém entregue, quando pegar algo emprestado devolva, ser grato quando o outro ajudar em uma necessidade.

O ser humano

O ser humano com sua diversidade, ainda é o principal elo entre os seres bióticos e abióticos existentes no planeta, somente os humanos são capazes de amar e odiar em questão de segundos, capazes de matar e dar a vida em um piscar de olhos.

Os homens e mulheres são referências no reino animal, somente nós humanos temos o merecimento de discernir, refletir e contribuir no crescimento e destruição de uma nação.

Portanto, somente nós humanos temos a capacidade de agir por emoção ou por razão, apenas nós entendemos que somos criaturas sociais, culturais e religiosas. Entretanto, às vezes agimos como seres irracionais, esquecendo os valores que nos foram advindos ao longo da vida.

Somente nós humanos, adquirimos o respeito, a solidariedade, a harmonia, a paz, a fé, atributos que são privilégio para nós.

No entanto esses mesmos atributos são esquecidos quando não respeitamos o silêncio do idoso, não ajudamos o nosso próximo, não oramos por um moribundo, desejamos o mal a alguém que nos feriu, amaldiçoamos os que discordam de nossas atitudes e desprezamos os desalentados.

Exemplifico, em um consultório dentário onde as pessoas estão sentadas ou em pé na sala de visita esperando sua vez no atendimento, todas elas têm o mesmo objetivo, o tratamento dos dentes.

Nenhuma daquelas pessoas está preocupada se alguém está bem ou mal, alegre ou triste, com desejo de viver ou de morrer, o interesse naquele instante é o sorriso bonito.

Nossa espécie é a única que raciocina, porém, por vezes age como irracional, como se o problema do outro não nos interessasse, pois é como se não fizessemos parte do mesmo habitat, preferimos pensar que o problema é do outro, não temos nada a ver com isso.

É nítido que inúmeros seres humanos, somente são reconhecidos após a morte, enquanto vivos são esquecidos, e poucos reconhecidos, quando um falece, surgem os arrependidos, os que queriam pedir perdão, as homenagens em templos e até mesmo as memórias de outrora nós livros populares.

Percebo que estamos em um período trágico mundialmente, e parte dos seres humanos esquece os atributos da paz para viver numa guerra entre pares, sem recordar-se da racionalidade, tornando-se irracional.

O Ser humano é essência do cuidar, mas, há aqueles que preferem cuidar de gatos e cachorros, em vez de outro ser humano.

Os animais são admiráveis, e precisam de cuidados e atenção, no entanto todo ser humano seja doente ou saudável necessita de cuidado e carinho.

Precisamos ser cautelosos, cuidadosos, caridosos no tratar com outras pessoas, o outro é nosso semelhante.

Semelhante significa alguém que tem atributos parecidos com os nossos, e esse semelhante às vezes é descartado nas praças, nas calçadas, debaixo de pontes, e outros lugares de isolamentos, buscando refúgios não por temer a outros animais, *mas, ao próprio ser humano.*

A Falência da família

Alguma pessoa me remeteu um desses vídeos de dois minutos e meio, sobre um estudioso falando sobre a falência da família. Nada de novo, apenas um ponto de vista social, que contribui com uma reflexão para a escola, explanando que a família está atribuindo à escola, o que a própria família não está cumprindo.

No vídeo ele aborda fatos conhecidos, como: “a família arrisca tudo na escola”, mais adiante diz que, “os pais perderam a mão sobre a educação dos filhos, e que os mesmos acham que os filhos têm que ser bajulados e não educados, que os mesmos encham os filhos de coisas e não de afeto”, e nesse discurso decorre toda sua fala apontando a falência pessoal da família, que a mesma está se afastando dos valores: “disciplina, respeito e hierarquia, juntamente com amor e acolhimento é que forma o grande ser humano”, e a escola não tem como fazer muita coisa, sem esses padrões.

Assisti ao vídeo algumas vezes, para tentar compreender o discurso já presente na vivência da escola, e que todos os educadores conhecem, enfrentam, e refletem sobre estas questões.

Entretanto, se um professor improvisar algum pronunciamento deste argumento, será ignorado, às vezes pelos próprios colegas, mas se tratando de um renomado teórico, viajado por muitos lugares, é outro nível de aceitação.

Por este motivo, tive a ousadia, de discorrer dentro do contexto, escrever este texto, onde o objetivo é provocar não uma opinião formada, longe disto, prefiro mesmo é uma reflexão do leitor, uma abertura de ideias, sejam negativas ou positivas, estimulando as mentes a opinarem, sem que haja certo, ou um errado, apenas pontos de vistas divergentes.

Escrever um texto dentro de um contexto é óbvio que não caberia reflexão, mas ao contrário do que muitos pensam, é a partir do evidente, que me posiciono e instigo o diferente a se dispor.

Nesta perspectiva gostaria de perguntar: a família está falida? Você concorda com este ponto de vista? Notoriamente que se estivesse em uma reunião em que a temática fosse desestruturação familiar, iríamos falar com clareza que a família está desorganizada, os pais não cuidam mais dos filhos, e assim por diante, além de atribuir responsabilidades a nós professores.

Mas como a intenção aqui é promover um diálogo acadêmico, político e social, queria entender por que “a família está falida”. Será que os pais estão enchendo os filhos de presentes e esquecendo o afeto?

Eu observo a história da família, uma questão que deve ser discutida, refletida, e não ignorada, desde os primórdios, desde o descobrimento do Brasil, havia famílias, as que não tinham estrutura, e as que eram abastadas.

Existem famílias de pais que ralam, estudam, para manter o sustento da casa e pasmem, têm filhos que não são mimados com presentes nem mesmo em seus aniversários.

Quero problematizar e polemizar a discursão. A família está falida em qual sentido? De regras, normas, valores, repreensão...

Não sou historiador, mas há 500 anos, as famílias, já eram falidas, porque só iriam para escola os bonitinhos, filhos de ricos, os das classes menos favorecidas não teriam acesso, os filhos que ganhavam presentes continuavam sendo os dos mais ricos, os pobres eram forçados a trabalhar e sofrer duramente.

Então a família está falida, ou sempre foi falida? Se for para generalizar, não comungo deste conceito. Gosto de um contexto em que se observe a pluralidade e diversidade da realidade e não do tipo: “É Prego Batido e Ponta Virada”, como diz o ditado popular. Indago novamente: Quem tinha direito a educação no período colonial? Eram as famílias bem-sucedidas, e estas famílias eram falidas? Este argumento de “família falida”, até parece que o padrão da família anteriormente era de sucesso. E agora faliu?

Será que estou enganado? A sociedade não é a mesma, a população aumentou, os desempregos surgem, as novas tecnologias se expandem a cada momento, o padrão da família tradicional não é mais uma certeza.

Então a família, não está falida, o que é necessário é refletir sobre outras características dentro da família, e apontar alternativas, mesmo sendo difícil elencar.

Gosto de citar exemplos, claros; a maioria dos pais, não tem tempo de estar com os filhos, Joana mãe solteira, com três filhos, trabalha de 7 da manhã às 5 da tarde, passa duas horas dentro do transporte na ida e na volta para ajudar no sustento dos filhos.

Os meninos têm que se virar sozinhos sem ajuda da mãe, Juca de 8 anos vai à escola e leva seu irmãozinho Pedro de 6 para a Creche, e o Paulo, o mais velho, vai catar latinha para contribuir no sustento da família.

Paulo tem dias que consegue algum dinheiro, em outros não consegue nada, mas continua sendo um garoto animado. Paulo tem tudo para se desencaminhar na vida, se envolver com drogas, desrespeitar a mãe, ou virar menino de rua.

Com isto, eu não posso compreender que a família de Paulo está falida, há uma desestrutura devido a alguns fatores tais como a ausência do pai na contribuição da educação dos filhos, a mãe que tem de trabalhar e deixar os filhos sozinhos em casa, Paulo que precisa contribuir com a renda no sustento da família.

Mas quando nos referimos a crianças que batem nos pais, gritam e têm de tudo, seja porque o pai perdeu o controle sobre os filhos seja porque deste modo o pai se desincumbe de educá-los, acostumando o filho a fazer o que ele quer, mas ainda assim, não acho família, falida.

E concluindo quero dizer que sempre houve famílias ricas, pobres, trabalhadoras, nas quais o respeito entrava nos padrões e também aquelas onde não entrava.

E se formos adentrar a 100 anos atrás, existiam tantos casos de família, nas quais imperavam as regras e normas e mesmo assim havia homem machista, mulheres submissas, homens agressores, mulheres vulneráveis, filhos fugidos, filhos rancorosos, pessoas tristes.

Pergunto-te, a família está falida ou sempre foi falida? A família está desestruturada? Ou talvez você prefira atribuir outro termo, não precisa buscar termos teóricos.

Uma minuta da História Oral

Talvez você tenha aversão à temática, mas gostaria de esclarecer que ela me fascina, me interessa e gostaria de compartilhar contigo, em uma linguagem coloquial—refiro-me aqui à História Oral.

Alguns estudiosos denominam como metodologia que é utilizada para escrever a história atualmente, se aplicando como história do tempo presente, portanto na história oral também se estuda o tempo passado.

Entretanto, meu interesse por escrever este escrito é para dizer que a história oral sempre fez e fará parte de todas as civilizações, não existe nenhuma sociedade seja da Grécia, de Roma, de Israel, que não tenha tido seus relatos dentro da oralidade.

A própria Bíblia é traço da oralidade em tempos antigos onde alguns profetas, discípulos inspirados por Deus, deixaram escrito suas memórias em relatos a partir da oralidade que em dado momento alguém registrou por escrito para o povo.

Talvez alguém possa dizer que a oralidade por si só não constrói fatos evidenciados, descrevendo com afinco que as fotografias, os registros, os fósseis, as cavernas, as pegadas, os traços, as carcaças e outros elementos são resquícios de memórias, porém, a narrativa do ocorrido não deixa de ser a essência da história oral.

Para quem tem interesse em pesquisar memória, identidade e comunidade, a história oral é um recurso moderno que foi inaugurado, especialmente após a 2ª Guerra Mundial, com incrementos das Tecnologias, (rádio, computador, celulares, vídeos) dado que a entrevista gravada ou filmada traz um suporte da documentação para a escrita.

Quando me debrucei sobre o livro de Ecléa Bosi, *Memórias de velhos*, percebi nos depoimentos dos idosos a história de vida de cada um, que resolveu narrar sua trajetória através da história oral.

A história oral é a base de tudo.

Tempos da Telpa

Assentado na cadeira de balanço e mamãe no sofá da sala evoquei uma recordação sobre o tempo em que existia TELPA³, a empresa operadora de telefonia do grupo Telebrás no estado da Paraíba, antes da privatização em 1998.

Lembrávamo-nos da época que para se comunicar com parentes e amigos de outras cidades, estados e regiões era necessário irmos até a TELPA. O telefone fixo, celular, internet, redes sociais, era uma utopia para muitos.

Mamãe, respaldada na memória, lembra-se desse período que presenciou e vivenciou, e eu compareci em alguns desses momentos com mamãe.

Após nosso diálogo, coloquei no grupo de *Whatsapp* das “Normalistas 1998” composto por 22 participantes o questionamento:

—Alguém se lembra do período da TELPA e do ORELHÃO?

Surgiu um silêncio, logo após, sucedeu uma discussão entre amigos.

Comentei:

—Hoje me peguei a pensar sobre a TELPA, ambiente o qual ligávamos para parentes ou pessoas distantes, era dificultosa aquela fila enorme e quem demorasse as pessoas principiavam as murmurações.

A Rosa (*pseudônimo*) pronunciou-se:

— “Lembro. Minha irmã era telefonista naquela época, lembro que existiam ramais para transferir as ligações, algumas telefonistas foram dispensadas porque escutavam as conversas na hora da transferência”.

Considereei seu pronunciamento conveniente, mas, julguei engraçado por imaginar que muitas telefonistas faziam tais coisas. Em seguida Margarida (*pseudônimo*) expressou:

— “Era tão prazeroso esperar uma ligação de alguém querido”.

Concordei, e prossegui:

— Estou lembrando as filas, quando saía com mamãe para ligarmos para minha irmã no Rio de Janeiro.

³ Telecomunicações da Paraíba S/A - TELPA foi a empresa operadora de telefonia do grupo Telebrás no estado da Paraíba antes da privatização em 1998, onde as operações na telefonia fixa foram absorvidas pela Telemar, atual Oi.

Rosa exprimiu-se:

— “Lembro-me das filas que a pessoa enfrentava para esperar a sua vez e quando tinham muitas pessoas estipulavam 15 minutos, más, muitas delas de propósito ficavam 1 hora. Muitos pais deixavam as crianças com a minha irmã para irem a cabine telefonar. Eu ficava observando, quando as pessoas saíam estavam suadas, naquele local cheio, era bem complicado”

Expressei-me:

— Minha mãe só ligava a cobrar para minha irmã já que as ligações eram cobradas por minutos e não tínhamos dinheiro para pagar.

A Camélia (*pseudônimo*), narrou:

— “Namorei muito nessas cabines, e a preocupação de falar baixo para ninguém escutar, o meu atual esposo ligava muito pra mim”.

Sorrimos, ela continuou:

— “Namorávamos pelos fios do telefone”.

Margaria proferiu:

— “Você poderia escrever um livro contando as aventuras daquela época, é um resgate a cultura”.

Declarei:

—Ficará para o futuro.

Margarida continuou:

— “Quem não gostaria de recordar os tempos felizes? “Mesmo com as dificuldades, era uma época feliz”.

Concordei com ela, e disse:

—Época difícil, quando me lembro da ficha na mão para colocar nos orelhões e a fila enorme das pessoas atrás. O povo escutava as conversas. Em uma dessas filas de orelhões, mamãe me contou que foi onde entendeu que uma mulher traía o esposo. Após sorrirmos com esse diálogo. As conversas foram se distanciando, percorrendo outros rumos, porém, retomei o assunto: ‘pessoal amo memórias, não imaginava enveredar-me por esse campo na educação’.

A Rosa se pronunciou:

— “Havia homens casados que ligavam para as amantes e era o pobre do mensageiro que portava o bilhete da telefonista, e quando a esposa descobria tudo, a repreensão era atribuída a telefonista e o mensageiro”.

Rosa prosseguiu:

— “Presenciei cenários nessa intensidade”.

Considerarei curiosas as lembranças de Rosa pois ela ainda acrescentou:

—” O dono do engenho daqui tinha várias amantes, tinha ramal, mas era na TELPA que ligava para elas, quando terminava uma ligação, ligava para outra, até um dia a esposa veio na TELPA e retirou-o da cabine, maior confusão””.

Comentei então: “Essa história está parecendo *o cortiço* de Aluísio Azevedo”. E nos despedimos. A Rosa teria que trabalhar e as outras estavam em seus afazeres.

Os demais participantes não opinaram, fiquei curioso em saber se acompanharam o nosso diálogo.

O uso do celular na escola

Este texto surgiu a partir de uma citação que dizia: “Proibido usar o celular na escola, proibido vir para a escola, use o celular”.

Edclenildo Barbosa Alves formado em Ciências da Computação e eu, em Pedagogia, delineamos um diálogo sobre uma questão que causa divergências em muitos educadores e que atualmente tem sido um paliativo no âmbito da pandemia, o uso dos celulares pelos alunos.

A nossa dialética surgiu baseada em reflexões— como um episódio assim acaba sendo irônico, em pouco tempo os fatos mudam de maneira drástica.

É notório que os alunos são geralmente impedidos de utilizarem os celulares dentro da escola, entretanto, no momento que estamos vivenciando, esses mesmos alunos precisam de um celular para utilizarem em suas atividades educacionais.

O que era vilão passou ser a “solução”. Percebemos que após a pandemia, deverá ocorrer um avanço na escola em relação ao uso do aparelho móvel, pois se trata de algo que precisa ser revisto.

O próprio aluno poderá fazer uma autoavaliação, por exemplo: em tempos de pandemia, utilizávamos o celular, nos dias comuns de aula, o uso é restringido.

O uso dos celulares na escola é ajuizado como obstáculo ao aprendizado do aluno, e a partir deste conflito, acabou por se tornar um recurso necessário.

Esta reflexão no âmbito escolar deve ser vista como uma novidade, em que o uso de forma correta venha a acrescentar e não a se tornar um problema.

Com a demanda dos jovens e adolescentes utilizando celulares, as escolas por sua vez, recomendaram coibir, em vez de instruir.

A própria escola, juntamente com a família, assina termos que proíbem o uso destes aparelhos, instigando em contrapartida ainda mais a curiosidade e interesse do aluno. Em vez da proibição, concordamos neste debate, que a escola deveria utilizar o celular como ferramenta para contribuir na aprendizagem do educando.

Porém há algo que se ignora neste assunto, talvez por alguns motivos: os professores fogem das tecnologias, relutam em usar, às vezes o aluno sabe mais que o professor, os professores criam empecilhos frente à tecnologia, diversos se recusam a aprender, a escola

não oferece formação, às vezes desconhece a tecnologia, e muitas vezes não tem a visão do que pode ser feito.

Não é culpa dos professores, a não ser quando há falta de interesse, quando existe a possibilidade de aprender e eles se recusam.

No entanto o órgão maior da educação na esfera municipal, estadual ou federal, não possibilita aos docentes uma formação para utilizarem o celular nas suas aulas, sugerindo que estes instrumentos apenas atrapalham. Induzindo o professor a punir o educando se perceber a utilização do telefone em sala.

Ao me especializar em Educação e Novas Tecnologias pela UEPB, discutíamos sobre a temática, no entanto nas esferas micro e macro do país, não se debate a utilização das novas tecnologias na prática de como trabalhar com os educadores e educandos.

Mesmo com especialistas na área de computação, os municípios e estados, muitas vezes não dão importância e nem contribuem para que a escola possa avançar em meios às tecnologias.

Apenas fingindo que os alunos não levam os celulares nos bolsos, e entre uma aula ou outra, assistem os vídeos pelo youtube, ouvem suas músicas, e acessem as redes sociais, isto, sem apoio educacional.

Se porventura, algum colega informar a gestão, aquele que estava com o celular será retirado da aula, e intimado a entrar com os pais.

Torna-se uma batalha épica no ofício de ensinar.

Essa relutância educacional é uma questão que é preciso ser revista e repensada.

Sem rótulos, é preciso refletir

Edclenildo Barbosa Alves é um desses amigos que conversamos sobre vários assuntos, seja política, racismo, preconceito, Deus, entre outros.

Nesses dias compartilhei com ele sobre o paradoxo em que vivo, eu, Eduardo, em uma sociedade amparada por ideologias, esquerda, direita, centro, extremismo e assim por diante.

Exemplifico da seguinte forma: em uma Faculdade de classe média de certa localidade, você ficará acuado, se você possuir um pensamento diferente do grupo, pois os sujeitos comungam de um pensamento único.

Por outro lado, se adentrar em uma universidade pública, de alguma região no país você ficará inibido, pois, em ambas, os sujeitos comungam de formas diversificadas de pensamento, desde aqueles que se julgam a santidade papal (mais tudo lhes é permitido), àqueles que se dizem modernos.

Se de um lado jovens se alienam com normas, regras, ideias de politicamente corretos, do outro lado é a postura de quem se diz que pode isso, pode aquilo, e, entretanto, se pensar diferente será ejetado do meio do grupo.

Há pouco tempo assisti a um vídeo do saudoso conterrâneo Ariano Suassuna, no qual ele diz:

“As pessoas têm mania de querer fazer você ler o que elas escrevem, viajar no que elas viajam, fazer os absurdos que elas fazem, seguir as regras que elas seguem...”.

E o autor vai nos fazer refletir, esquecem, pois que temos entendimento, e somos dotados de raciocínio e no mínimo somos inteligentes o suficiente para discernir o certo e o errado.

Fico estarecido com questões circulando nas redes sociais, na televisão, nos rádios, sempre alguém defendendo os seus interesses, seus pontos de vistas absurdos, e ignorando o pensamento contrário.

Após meu desabafo, meu amigo diz:

— “A pessoa não precisa escolher lados, nem rótulos. Elas não estão preocupadas com o que realmente importa, que são as pessoas”.

Concordei.

Porém se alguém ler este texto, e for adepto de pensamento ideológico extremo seja de qual lado for, talvez, não goste desse tipo de reflexão, talvez queira censurar.

O interesse aqui é apontar reflexões, de como a sociedade vem se comportando até mesmo dentro de nossas instituições superiores, ou você faz parte de um grupo ou você, está fadado ao esquecimento.

As relações familiares

Eu e o Michel de Oliveira Teixeira, somos amigos, ele é católico, eu sou evangélico, ele é estudante de direito, eu sou doutorando em educação, ele é casado, eu sou solteiro, somos nordestinos, paraibanos, e temos opiniões formadas sobre alguns assuntos.

Gosto de conversar com ele via *Whatsapp*, ele jamais me deixou esperando, ou no vácuo, sempre me respondeu, percebendo sua postura sugeri dialogarmos sobre uma temática importante, e ele prontamente aceitou.

Iniciei perguntando:

— Qual seu ponto de vista sobre a subjetividade das relações intrafamiliares?

Michel respondeu:

“— As relações familiares são bastante complexas. A convivência humana em si é bastante desafiante. Quando convivemos na família originária, com nossos pais, ou no ambiente que crescemos, percebo que somos educados, ensinados, como devemos nos portar, para que possamos nos adequar àqueles que têm o controle da casa, da família”.

E continua na sua linha de raciocínio:

— “Todavia, quando vamos crescendo, a família primogênita, vai se afastando, vai aparecendo pessoas de outros ambientes, com outros costumes, é um namorado de um, que passa a fazer parte da família, um parente que vem morar nessa casa.

Enfim, isso vai fazendo com que nossa privacidade, vá cada vez diminuindo, e quando crescemos necessitamos de fazer aquilo que queremos, desejamos privacidade e vontade própria. Acho que é por isso que decidimos sair do nosso lar primário, da casa dos nossos pais”.

Interroguei-lhe o seguinte: “Quando convivemos na família originária, com nossos pais, ou no ambiente que crescemos. Vejo que somos educados, ensinados a como devemos nos portar” você se refere nesse caso a você e sua família específica? Por que dezenas de famílias não nascem nesse ambiente, ou estou errado?

Michel responde:

“— Se estamos falando no macro, essa sim é a maioria das famílias, quando falo de pais, falo de responsáveis, pode ser na casa dos avós, de um tio ou mesmo em casa de filhos adotivos, usei a palavra pais, pela autoridade que estas pessoas exercem, de criação.

Claro que teremos exceção dessa regra, mas no geral acredito que o comportamento seja nesse sentido”.

Fiz a seguinte pergunta: Qual a aconselhamento você daria àqueles que não conseguem ter essa relação familiar moderada?

Michel responde:

“—Precisamos aceitar o diferente, somos seres diferentes, as pessoas pensam de forma diversa, agem de múltiplas maneiras”.

E continua:

“—Nunca iremos conviver com alguém que seja sempre prazerosa a companhia, porque as pessoas sempre irão fazer coisas que lhe desagradam. Quando vivenciamos no dia a dia, com as pessoas que residem conosco isso é mais evidente. Seja em qualquer relação da família”.

Eu insisto: Mas, terá momentos prazerosos, certo?

Michel responde:

“—Sim, claro. Talvez seja por isso que decidimos permanecer do lado dessas pessoas, quando os momentos de dificuldade são maiores do que os prazerosos, dificilmente a convivência será saudável, hora ou outra alguém vai querer sair de forma definitiva daquele lar”.

Quando tem uma reunião, festa de aniversário, almoço como devemos nos comportar vivência intrafamiliar?

Acrescentei, lembrando que são pontos de vista, eu mesmo tenho dificuldade dessas relações, em família.

Michel respondeu:

“—Sim, claro, devemos manter sempre postura da boa convivência. Mesmo que discordemos de alguns pontos de vista, de algumas atitudes, mas, vejo que não devemos "nos meter". Pois apenas somos observadores, no máximo podemos fazer um comentário, outro aqui ou acolá”.

E prosseguiu:

“—Quando nos intrometemos mais do que devíamos na vida das pessoas, corremos o risco de criar conflitos difíceis de serem sanados”.

E retomando ao meu posicionamento sobre a minha dificuldade nas relações, interfamiliares, ele respondeu:

‘—Entendo. Já tive, mais talvez pela timidez, hoje vejo que consigo superar de boa. Não me sentia muito à vontade’.

Perguntei então: E quando você percebe que a família está adentrando em seu espaço, ou seja, durante final de semana, férias etc. para sua casa, e dominam o habitat, achando que é deles, o que fazer?

Ele respondeu:

‘—Bom tento demonstrar de forma indireta que eles estão invadindo o meu espaço mais do que deveriam. Invento alguma desculpa ou até arrumo alguma viagem e compromisso para que eles possam perceber que estão exagerando "nas visitas”.

Apesar de não ser fácil, até porque se as pessoas invadem sua privacidade, se tornando indesejáveis, são pessoas que não têm um bom senso. Geralmente ficam algumas cicatrizes, há às vezes alguma intriga e brigas. Sobretudo quando estamos em um patamar financeiro/social mais elevado do que aquele invasor. Sempre se é rotulado como orgulhoso, aquele "que virou rico e esqueceu da família pobre".

Questionei: você concorda que às vezes o esposo pensa de um jeito e a esposa de outro?

Michel diz:

‘—Verdade, o que é para mim invasão para o outro não é’.

Concordei e ele prosseguiu:

‘—Você acha que está tirando sua privacidade, mas de repente sua esposa diz, isso é apenas um final de semana, e vice-versa. Geralmente ocorre quando é a sua família a "invasora" já o seu cônjuge, na relação do casamento, percebe isso da sua família e vice-versa. Isso é bastante comum, porque para mim, geralmente estar com minha família é prazeroso, para o outro, muitas vezes é um sacrifício. Só aceita para manter a harmonia.’

Você falou: ‘Sempre é rotulado como orgulhoso e aquele "que virou rico e esqueceu a família pobre". Comente um pouco mais.

Michel respondeu:

‘—Só conseguiremos sair com o diálogo, esse é o segredo. Sempre dialogar. Só com diálogo, para chegar a um consenso’.

Então comentei: A própria família não quer saber o quanto você sofreu, batalhou, lutou, mais em poucos segundos quer dizer que agora você ganha bem, não olha para os pobres, não ajuda ninguém, é um miserável, isso é bem caótico, viu?

Michel prosseguiu: ‘pois é, e ainda dizem que a pessoa tem sorte, nasceu com uma estrela na testa. Não sabe o sacrifício que fizemos, enquanto os demais não estavam nem aí, estavam "gozando a vida"’.

Então concluo: Meu amigo eu estou satisfeito com seu posicionamento, me responda apenas essa questão, você acredita que há separação, contendas, intrigas, fofocas, por causa dessa relação familiar?

Michel responde:

‘— Sim, isso é muito comum. É a minoria das famílias em que essa relação se dá de forma muito amigável’.

Questionei de novo: De forma amigável?

Michel disse:

‘—Meu amigo, as relações humanas são sempre um desafio. Quanto mais próximos, mais desafios’.

Michel: ‘isso é na família, no trabalho, na vida social, na Igreja. Digo, sem esse tipo de problemas há somente uma minoria. Sem fofocas, sem picuinhas, brigas... ‘

Acrescentei que uma minoria das famílias sai sem lesões, quando acontece isso.

Ele respondeu:

‘— Sim, mas, vejo também pelo lado da fé, quando Jesus diz: Amai o próximo como a si mesmo, vejo que esse amor deve começar em casa, esse é o maior desafio. Amar um amigo ou uma amiga é muito bom. Pois se encontram para falar sobre coisas boas, momentos agradáveis, os desafios maiores estão na convivência diária. Amar convivendo com os defeitos é uma grande virtude. Defeitos esses que todos temos’.

Concordei com ele: Você falou tudo, os desafios do cotidiano, são os mais difíceis, por qualquer que seja a menor bobagem já vira um tumulto, e quando você cita a bíblia, na fala de Jesus, no sentido de dizermos que nós temos uma base de pelo menos refletir, para não ficar

apenas filosofando, questionando, ou julgando, temos uma palavra que nos dá uma direção para dizer seja ‘paciente, ame os inimigos, ama teu próximo’.

Prossegui: nem todos da nossa família, são nossos amigos isso é uma lógica,

Michel: Verdade, mas, devemos amar também os inimigos. Amar de forma sábia, não ser besta, não desejar o mal, revidar, mas ter paciência e rezar por eles também.

Eu perguntei: você quer dizer não deixar as pessoas te humilhar, não permitir que te usem?

Ele diz:

—Exatamente.

Discorro: você me fez refletir, sobre várias questões.

Ele responde:

—Paulino, boa noite, estou indo falar com minha mãe.

Concluindo: Nossa conversa me faz refletir, pois, falar de família é discorrer acerca de relacionamento, de fé, de religião, de cultura, de política, de economia, porque tudo está intrinsecamente na família, ou estou enganado?

Ele responde:

—A família é a primeira sociedade, ela que dá origem à sociedade. Se a família vai mal, a sociedade também vai, porque se não há aceitação e respeito na família, também não terá nas demais relações sociais.

E concluiu:

—Agradeço o momento dialético.

Eu brinco:

—Não preciso de teórico para tirar conclusões, já posso citar, Teixeira, (2020).

Reflexão do idoso

Ao ler sobre infarto, compreendi que qualquer pessoa pode ter um ataque cardíaco, porém, o maior índice está em pessoas acima de 45 anos, e as pessoas idosas são as mais suscetíveis. Segundo o Ministério da Saúde, mais de 300 mil brasileiros sofrem de infarto por ano, e 80 mil perdem suas vidas.

No entanto algo me chamou atenção nas minhas leituras, os sintomas surgem com intensidade em idosos quando passam por estresse, esforço físico, e alimentação, possivelmente se esforçaram muito e experimentam os efeitos de redução na circulação no sangue.

Fico a refletir, como nossos idosos necessitam descansarem, alimentar-se bem, e ter uma vida mais saudável.

Ajuízo que nós todos, devemos cuidar mais dos nossos idosos; Içami Tiba diz, “quem ama cuida”, e devemos amar mais, cuidar mais, proteger mais, e ouvir mais os nossos anciões.

Reflico para não ser um escritor que promove práticas do farisaísmo, como escreveu Paulo Freire, e conforme ele ajuizou “nega como falsa a fórmula farisaica do faça o que mando e não faça o que eu faço”.

Nesse entendimento, trago reflexões e não conclusões, a partir do que penso e leio.

O cuidado, o carinho e a cautela com os idosos, em todas as configurações de conversas, diálogos, e notícias, devem ser realizados sempre a partir de entretenimento, amorosidade, e informações, não à custa de provocar preocupações.

Não devemos buscar conflitos e problemas, e sim, um bom relacionamento de confiabilidade e expectativas positivas.

Entre inúmeros fatores que contribuem para melhorar a vida do idoso, podemos mencionar:

- Não alimentar conversas que tragam preocupações desnecessárias;
- Ajudar nos afazeres do lar;
- Levar os idosos a lugares para passeios e lazer;
- Ajudar nas refeições;
- Sugerir a prática de exercícios físicos;

➤ Ter uma vida espiritual, psicológica saudável.

Penso que se oferecemos o melhor com muito carinho e cuidado, o idoso não se ofenderá, tudo parte do princípio de uma forma adequada de se expressar, a exemplo de: “deixe que eu faço aquele cafezinho pra nós, não precisa levantar-se do sofá”.

Com um jeitinho meigo e sincero ele irá compreender.

Diz o ditado popular “tudo que vai volta”, o que fazemos hoje se reflete no amanhã, então, se formos um homem ou mulher auxiliador/a hoje, amanhã seremos um idoso que recebe ajuda.

Se cuidarmos bem, o idoso se torna uma pessoa melhor e menos estressada, não é simples, mas, é possível, se fizermos a partir de boas conversas, boas risadas, e uma prática saudável.

Amemos os nossos idosos.

Antes de qualquer situação amemos a nós mesmos, não queiramos mudar os idosos, respeitemos os seus posicionamentos, compreendamos suas trajetórias e suas adversidades.

Precisamos aceitar nossos idosos,

Menos confusão e barulho em seus ouvidos, e mais suavidade, música e lirismo, menos conversa fiada, e mais risos, menos rumores, e mais ajuda mútua, nada de trazer probleminhas, até porque eles já resolveram muitos, agora precisam apenas desfrutar dos resultados positivos.

A ansiedade, segundo Augusto Cury, é o mal do século, e nossos idosos, se contaminaram com esse mal, portanto, cabe a mim, a você e a nós, sermos tolerantes, amigáveis, e sensíveis aos olhos deles em todos os aspectos.

Penso que cada ser humano, precisa refletir, a começar por mim, sobre a importância e o papel do idoso em uma sociedade hipócrita, preconceituosa, e cheia de injustiças que se esquece de dar voz ao idosos.

Há quem goste de animais, de plantas, de colecionar brinquedos, de crianças, até de ler a Bíblia, mas, sequer ouve um idoso contar suas belas histórias de vida.

Se a sociedade está se fechando para os idosos, por que não abrimos espaços para eles?

Não podemos ser corrompidos por um sistema hipócrita, e fazer os nossos idosos reféns dentro de nossas moradas, sofrendo os mesmos desleixos de uma sociedade desigual e intolerante.

Refleti!



SOBRE O AUTOR

Luiz Eduardo Paulino da Silva: Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/ Faculdade de Educação da UERJ. Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática pelo PPGECEM, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da UEPB, Especialista em Educação Ambiental pela UFSM, Especialista em Educação e Novas Tecnologias pela UEPB, Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela UFPB/Campus III. Licenciado em pedagogia pela UFPB/Campus III, Pedagogia pela UVA/ CE, Ciências Biológicas pela UFPB virtual. Professor efetivo do Ensino Fundamental das Séries Iniciais dos Municípios de Belém e Logradouro/ Paraíba. Participa dos Grupo de Pesquisa GPEMLINC - Grupo de Pesquisa, Educação, Memória, Linguagem e Inclusão no PPGECEM/UEPB; membro do grupo GELLP/GEPELLP, Grupo de Estudos em Literaturas de Língua Portuguesa e do LER, Laboratório de Educação e República da Faculdade de Educação/UERJ. Pesquisa sobre memórias de idosos, de professoras, e mulheres contemporâneas. Faz leituras sobre memórias, história oral, narrativas, história de vida, ego-história, se interesse no diálogo da formação docente, e suas práticas educativas. e-mail: lepocat@gmail.com

www.editorapublicar.com.br
contato@editorapublicar.com.br
@epublicar
facebook.com.br/epublicar

Luiz Eduardo Paulino da Silva

PENSAMENTOS FLUÍDOS:

Refletir, Interrogar e Aceder



2021

www.editorapublicar.com.br
contato@editorapublicar.com.br
@epublicar
facebook.com.br/epublicar

Luiz Eduardo Paulino da Silva

PENSAMENTOS FLUÍDOS:

Refletir, Interrogar e Aceder



2021